

CBCE: UM COLETIVO INTELECTUAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA? FILOSOFIA DA PRÁXIS, POLÍTICA E CIÊNCIA EM QUESTÃO

André Malina

Doutor/UERJ/ISERJ/Grupo de Estudos e Pesquisas em Marxismo e Educação

Ângela C. B. de Azevedo

Doutora/Universidade Estácio de Sá/ Grupo de Estudos e Pesquisas em Marxismo e Educação

Vitor Marinho de Oliveira

Doutor/Universidade Estácio de Sá/ Grupo de Estudos e Pesquisas em Marxismo e Educação

RESUMO

O Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte está fazendo 29 anos e, a partir disso, merece ser discutido dentro de sua construção enquanto órgão representativo da Educação Física. Neste ensaio abordaremos uma visão geral do conceito de intelectual para, em seguida, caracterizarmos especialmente a tipologia gramsciana sobre intelectual. Posteriormente, retrataremos o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte enquanto entidade representativa que remonta aos idos de 1978, e algumas preocupações advindas de sua História. Finalmente, proporemos alguns desdobramentos, visando subsidiar a área.

ABSTRACT

The “Brazilian Society of Sport Sciences” is completing 29 years and, in our opinion, it deserves to be discussed as an institution which would represent the Physical Education. In this essay we will deal with a general view of the concept of an intellectual, to characterize, afterwards, the Gramsci typology about the intellectual. After that, we will partray the “Brazilian Society of Sport Sciences” as a representative institution founded in 1978 and some further issues with the aim of providing theoretical data to the area.

RESUMEN

El Colegio Brasileño de Ciencias y Deportes esta cumpliendo 29 años y a partir de este momento, merece ser discutido dentro de su construcción enquanto el organo representativo de la Educación Física. Em este trabajo abarcaremos una vision general del concecto del intelectual inmediatamente mostrando especialmente la tipologia gransciana sobre el intelectual. Posteriormente, retrataremos el Colegio Brasileño de Ciências del Deporte mientras que entidade representativa existente desde 1978, y algunas preocupaciones provenientes de su Historia. Finalmente, propondremos algunos desdoblamientos, queriendo subsidiar el área.

INTRODUÇÃO...

Atualmente, verifica-se o amadurecimento de órgãos científicos ligados à Educação Física. Entre os órgãos que acompanhamos e de onde suscitam nossas preocupações, está o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE). Existente há 29 anos. Desde 1978 até os dias atuais, modificaram-se características do CBCE, da Educação Física e da Sociedade. Por outro lado, verificam-se diferentes possibilidades de abordagens referentes à investigação do CBCE, especialmente ao entendermos sua representatividade para a Educação Física e os intelectuais que se apresentam em sua liderança.

Desde sua fundação, por professores e médicos, o CBCE tem demonstrado, ao lado de outros órgãos, destaque na intervenção nos rumos da Educação Física. Neste sentido, cabe ressaltar a importância histórica de seus fundadores para esta área. Hoje, parte significativa deles são intelectuais de renome na Educação Física, inclusive internacionalmente.

Em texto produzido a partir de uma dissertação de mestrado e depois publicado em forma de livro, Paiva (1994), buscou evidenciar os sentidos e significados que emergiram do CBCE, no período compreendido entre 1978 e 1993, analisando o re-conhecimento deste Colégio com as formas de pensar da interface Ciências do Esporte - Educação Física, à luz do eixo teórico proposto por Bourdieu.

Neste ensaio, procuraremos desenvolver a necessidade do aprofundamento, sobre como vem sendo construído o CBCE, enquanto órgão representativo da Educação Física, à luz do referencial teórico pautado na teoria de Antonio Gramsci, especialmente em sua tipologia de intelectual.

CARACTERÍSTICAS DO CONCEITO DE INTELECTUAL ...

A questão dos intelectuais é um assunto que vem sendo discutido em diferentes instâncias e por diferentes pensadores, embora seja uma temática de alta complexidade. Em princípio, encontramos discussões sistematizadas e com maior aprofundamento sobre os intelectuais e sua função social no século XX, embora já houvesse discussões anteriores. A *Intelligentsia*, intelectuais do tipo clássico, têm sido frequentemente convidada a se pronunciar sobre diferentes temáticas relativas a questões éticas, políticas e econômicas. Às vezes esses pronunciamentos ocorrem mesmo sem pré-convites.

Os intelectuais historicamente estão ligados implícita ou explicitamente ao poder, e, ao mesmo tempo, contra ou a favor dele. Isto ocorre em grandes proporções, como no caso de Presidentes da República, Ministros de Estado, ou em pequenas proporções, como no caso de polos de domínio de uma área de conhecimento, como a Medicina, a Sociologia ou a Educação Física, por exemplo. Em ambos os casos a função social dos intelectuais não parece encontrar explicação intrínseca, no que concorda Maximo (2000). Questões extrínsecas ao meio intelectual são trazidas e tratadas por eles, filtradas e discutidas, e retornam de onde vieram com o rebuscamento necessário ao tema.

Aos intelectuais couberam grandes polêmicas ligadas aos principais acontecimentos da História do século XX e, recentemente, XXI. Aderir aos nazistas ou a resistência? Mais a frente, como se posicionar frente aos avanços significativos dos meios de comunicação, culminando com a era da *internet*?

Talvez o principal dilema dos intelectuais esteja na questão do engajamento ou não-engajamento nas questões mais afeitas a sociedade em geral. Afinal, os intelectuais devem se imiscuir à política? Devem ficar restritos aos trabalhos acadêmicos? No Brasil este dilema dos intelectuais ocorreu, por exemplo, no contexto histórico pós-64. Como deveriam se posicionar os intelectuais frente àquele contexto? A resposta não foi unívoca. Verificaram-se diferentes posturas assumidas por intelectuais. Nessa perspectiva de discussão sobre os intelectuais, estes são de suma importância para qualquer tratamento científico que se queira dar a Política, a Ciência, a Filosofia, a Educação ou a Educação Física.

Em dissertação de mestrado (2001), apontamos para diferentes leituras sobre o que são os intelectuais e qual a sua função social. Uma leitura destas questões que foi apontada é a de Giroux (1992), identificado com a postura dos professores como intelectuais e sua função política, defendendo a necessidade dos professores se identificarem com a pedagogia radical, para serem intelectuais transformadores. Neste sentido, a escola seria um espaço onde cabe a

oposição, e a pedagogia radical uma política cultural. Este autor focaliza o contexto norte-americano para propor suas idéias, entendendo-o, no aspecto educacional, como em crise. Para ele, a docência sofre processo de proletarização *pari passu* e vem sendo subjugada à divisão social e técnica do trabalho.

Em outra perspectiva, Mannheim (1982, 1986) também discute a questão dos intelectuais, associando-na como um problema da **sociologia do conhecimento** e da **sociologia política**. Na concepção de Mannheim, os intelectuais são os mais capazes de produzir sínteses, pairando sobre as questões analisadas e também sobre a sociedade, emitindo seus pareceres desvinculados de uma classe social, ou seja, é a chamada *freischwebende Intelligenz*¹. Oportunamente, entretanto, os intelectuais se vinculam a uma perspectiva social, porém ideologicamente sem comprometimento (Löwy, 1998).

CARACTERÍSTICAS DO INTELLECTUAL GRAMSCIANO ...

Dentre os autores que retratam a questão do intelectual, cabe destacar Antonio Gramsci. Muitos pensadores vêm discutindo o intelectual a partir de suas idéias. Vêm sendo debatida pela Associação Gramsciana Internacional a fragmentação da teoria gramsciana, a negatividade da perspectiva do intelectual clássico - ressaltando-se o americanismo e o fordismo em Gramsci como contraponto à necessidade da existência do intelectual como camada média entre Estado e massa populacional - entre outras temáticas,. Por outro lado, há um certo consenso na necessidade da formação do intelectual orgânico como possível elemento de apoio para construção de hegemonia pelas classes subalternas. Podemos citar também como debates importantes, a circularidade da relação entre superestrutura e infraestrutura em detrimento de uma possível verticalidade marxiana, assim como um distanciamento do conceito de ideologia em Gramsci do mesmo conceito em Marx, ou a possível oposição entre guerra de posição e guerra de movimento, com destaque para o conceito de Revolução Passiva. De outra forma, é temática corrente a postura de Gramsci como marxista, duvidando-se da apropriação de sua teoria pelo pensamento liberal, social-democrata ou pós-moderno.

Gramsci, atualmente, é autor de referência quando se pensa em perspectivas progressistas de análise da sociedade em diferentes instâncias. Quando se pensa na questão dos intelectuais e sua função social, este autor se coloca como um dos seus principais debatedores, entretanto numa perspectiva diferente de Mannheim, evidenciada anteriormente. Gramsci adota uma perspectiva teórica identificada com o marxismo e parte dessa teoria para elaboração de sua proposta, onde tenta evidenciar o papel do intelectual como organizador da sociedade e da cultura, vista como dimensão superestrutural da sociedade.

De acordo com as publicações de Gramsci, as pessoas se destacam em sociedade por diferentes meios. A atividade profissional pode ser considerada um desses meios - com função relevante para a sociedade ou não - dependendo da atuação desenvolvida. O destaque profissional é capacidade de todas as pessoas, mas a maioria não consegue desenvolvê-la ou exercê-la, bem como atingir função de líderes. Diversos são os fatores, no entanto, ocorridos durante o processo de aprendizado ou do surgimento de oportunidades na vida que interferem

¹*Freischwebende Intelligenz*, é um termo utilizado por Alfred Weber para referir-se a uma *intelligentsia* socialmente desvinculada (Mannheim, 1986). Em outra publicação, Mannheim afirma que utilizou a expressão *Relativ freischwebende Intelligenz*, que quer dizer grupo intelectual relativamente descomprometido e advém de Max Weber, mas que não significa um grupo completamente afastado das relações entre classes, e pretendeu demonstrar que “certos tipos de intelectual têm maiores oportunidades de testar e usar as visões socialmente disponíveis e de experimentar suas incoerências” (Mannheim, 1956, *in*: Foracchi, 1982, p. 106) .

no exercício da capacidade plena das pessoas, mas mesmo as que não conseguem alcançá-la, continuam mantendo a capacidade de se tornarem intelectuais. *A priori*, todos são intelectuais, mas nem todos exercem função de intelectual para a sociedade.

Os intelectuais são responsáveis pela organização da rede de crenças e relações tanto institucionais quanto sociais. Os que dominam essas relações são hegemônicos (classe dominante) e esta hegemonia, quando é coercitiva às outras classes, utiliza-se dos intelectuais para obtenção do consentimento das ações da classe dominante frente às outras. É neste sentido que ganha consistência, na teoria de Gramsci, a crítica sobre a redefinição do Estado como força + consentimento. (Sassoon, *in*: Bottomore *et alli*, 1997; Gramsci, 2001, vol. 1; 2000, vol. 3; 2001, vol. 4).

Pode ser denominado **intelectual orgânico** o grupo social que, dentro de suas próprias fileiras, produz intelectuais organizadores e dirigentes da sociedade, a partir de uma classe social. Nesta perspectiva, são chamados intelectuais atuantes os que desempenham uma função de destaque ou crucial numa sociedade, e de intelectuais não atuantes os que não desempenham.

Já os **intelectuais tradicionais** reproduziam idéias dos grupos mais antigos historicamente, e não eram comprometidos com o progresso, mas sim com tradições históricas anteriores (Gramsci, 2001, vol. 2). São exemplos de grupos tradicionais: a aristocracia fundiária, os eclesiásticos - ligados organicamente à aristocracia fundiária -, que dominaram historicamente as instituições pertencentes à superestrutura e entraram em conflito com outros grupos tradicionais, podendo ser exemplificado, pelos teóricos e pelos filósofos daquele contexto. (Gramsci, 2001, vol. 2).

O **senso comum** é uma categoria mais restrita às atividades intelectuais e só poderia estar interligado com a intelectualidade se ela emergisse da massa populacional que compõe sua própria classe. Isto posto, os princípios e necessidades que existem, provenientes de suas atividades práticas, seriam mediados pelos intelectuais orgânicos em busca de soluções para alcançar um real movimento filosófico, solidificando assim um bloco sócio-cultural. (Gramsci, 2001, vol. 1).

A categoria **ideologia**, por sua vez, pode determinar a função social do intelectual atuante, pois embora todos os homens sejam intelectuais, conforme foi abordado anteriormente, nem todos exercem esta função, como no desempenho de um projeto de luta política emancipatória. Nestes termos, os intelectuais orgânicos atuantes podem também ser agentes da ideologia dominante², criando um senso comum servil, de universalização de idéias, funcionando como um elo para difusão da racionalização de um contexto social, embutido de valores e normas da classe dominante. A ideologia é vista assim, como "um processo geral de produção de significados e idéias que soldam e moldam como um cimento da sociedade a partir do que ela é" (Bocayuva & Veiga, 1992, p. 216). Constitui-se, portanto,

²Ferreira (1998), quando aborda a disputa entre intelectuais tradicionais versus orgânicos na EF brasileira das décadas de 80 à de 90, coloca o intelectual orgânico numa condição única de crítica à hegemonia vigente e com vistas à criação de uma nova hegemonia. Este parece ser apenas um tipo de intelectual orgânico, mas existe na perspectiva gramsciana, contudo, o intelectual orgânico do tipo cooptado ou vinculado espontaneamente ou orgânico às classes dominantes. Cabe ressaltar ainda, a existência de intelectuais orgânicos que, apesar de críticos à hegemonia vigente, não visam na sua atuação a ruptura definitiva com ela. Este possível equívoco pode acontecer fora da Educação Física também. Olavo Carvalho (2001), por exemplo, filósofo profissional e colunista de jornal, afirma que "ser intelectual neste país é fazer a revolução gramsciana, que é a tomada do poder pelos intelectuais" (p. 07). Não nos parece que Gramsci propõe o entendimento da questão dos intelectuais desta forma, como também descrevemos anteriormente.

um **bloco histórico**, assim chamado na perspectiva gramsciana por retratar a sociedade em seu momento histórico (Portelli, 1990).

A repercussão social dos atos dos intelectuais, principalmente dos que fazem atividade científica, é passível de discussão. Ao compreendermos a ciência e o fazer científico como um fenômeno social - pois este fazer é produzido por pessoas, seres sociais - compreendemos que a atividade científica, apesar de não ser sinônimo de ideologia, está invariavelmente atrelada a ela, sob pena de aceitarmos o mito da neutralidade na ciência. Para demarcarmos algo cientificamente, no entanto, é preciso haver critérios de distinção do que é científico, sabendo-se que o científico não é óbvio, mas sim um fenômeno discutível. É considerável ressaltar que o fazer científico puro e intencionalmente ideológico também pode acarretar distorções na análise do fenômeno estudado, norteados a atividade científica para a atividade que tem como princípio o fazer científico ideológico-partidário, sem o distanciamento necessário para a apuração mais próxima da verdade dos fatos. Para Goldmann (1980), a ideologia, longe de não fazer parte do trabalho científico, deve estar subsumida aos fatos. Nestes termos, é considerável também que estes fatores fazem parte dos significados sociais da atividade científica realizada pelos intelectuais, embora muitas vezes não sejam considerados ou sequer observados.

Neste sentido, a valorização extrema da erudição leva ao cientificismo, enquanto que a subordinação da pesquisa à ideologia leva ao surgimento de *a priori*. Ou seja, o conhecimento aprofundado sobre um assunto que está em pauta (erudição), é ponto importante no fazer científico, até porque se a pesquisa não está concluída, não se sabe sua relevância, embora nela se acredite. Por outro lado, o fazer científico como uma característica particular da mente humana, está ligado "às condutas humanas e às ações do homem no meio ambiente. Fim último para o investigador, o pensamento científico é apenas meio para o grupo social e para a humanidade inteira" (Goldmann, 1980).

Assim, para o surgimento de um novo grupo intelectual, pela teoria gramsciana, é necessário que a atividade intelectual seja estimulada e desenvolvida, invertendo a relação da atividade muscular operária, para que essa mesma atividade seja responsável pela construção de um pensamento diferenciado, novo, concebendo o mundo integralmente. (Gramsci, 2001, vol. 1).

No mundo moderno, a atividade intelectual desempenha um papel importante na sociedade, que busca a ampliação das capacidades do indivíduo, desenvolvendo e multiplicando espaços para sua especialização e aperfeiçoamento, tanto na ciência quanto nas atividades técnicas.

O CBCE: COLETIVO INTELECTUAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA? ...

A Educação Física tem, há muitos anos, tentado se organizar através de seus professores. A partir dos debates ocorridos nos anos 1980 é decorrente encontrarmos professores de Educação Física mais engajados em propostas contra-hegemônicas, como sindicatos de professores, movimentos grevistas etc. Com outra perspectiva, professores organizaram as Associações de Professores de Educação Física, conhecidas como APEFs, vinculadas a uma instância maior, a Federação Brasileira de Professores de Educação Física, que desembocaram na criação do Conselho Federal de Educação Física (CONFEF) e, contrariamente a este, ao Movimento Nacional Contra a Regulamentação (MNCR). Em caráter científico hegemônico ainda destacam-se a criação da Federação Internacional de Educação Física, conhecida como FIEP, vinculações internacionais com fóruns científicos como a AIESEP. Nesse sentido também foi criado na década de 70 o Colégio Brasileiro de

Ciências do Esporte (CBCE) como um organismo que serviria para fomentar discussões sobre as chamadas ciências do esporte³. Este Colégio permaneceu por anos recebendo produções especialmente da chamada parte biológica das ciências do esporte, onde eram dadas ênfases no trato das questões acerca da atividade física e da Educação Física, com viés da área biomédica. Araújo (1998), médico de formação, mas que tem estreitos vínculos com a Educação Física exemplifica essa época, relatando os momentos em que esteve à frente do CBCE.

No ano de 1987 ocorrem mudanças, iniciadas no Congresso anterior. Após um Congresso regional em Recife, realizou-se o V Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, na mesma cidade, e havia eleições. A chapa vencedora teve como Presidente a professora Celi Nelza Zulke Taffarel, modificando a correlação de forças até então existente. Os procedimentos para que este grupo viesse a se tornar hegemônico nunca ficaram totalmente esclarecidos. Pessoas que estavam no referido Congresso relatam de diferentes maneiras o acontecido.⁴

A partir dessa eleição, o CBCE mudou. O grupo da chamada esquerda brasileira da Educação Física esteve à frente do processo de composição e permanência deste órgão até o início da década atual. Os professores e médicos, representantes das primeiras lideranças do CBCE, concentraram suas forças, nessa época, especialmente no Simpósio Internacional de Ciências do Esporte, com mais de vinte edições, e no CELAFISCS, de São Caetano do Sul – São Paulo, órgão organizador do Simpósio, e que tem à frente o médico Victor Matsudo.

Nos dois casos (CELAFISCS e CBCE) temos intelectuais orgânicos atuando como organizadores da cultura à frente de uma área do conhecimento. Uns atuando como pesquisadores clássicos, com pesquisas de laboratório, técnicas, de vertentes que orbitam nas ciências do esporte, mas, por que não dizer, da Educação Física, como a Biomecânica, a Fisiologia e o Treinamento Desportivo. Autores como Silva (1998)⁵, ressaltam criticamente que estas pesquisas por vezes recaem num cientificismo positivista, enquanto que outros autores discutem a importância de tais críticas para o desenvolvimento da área, como Tani (1998). Por outro lado, o CBCE foi levado a priorizar as pesquisas da chamada área cultural, com vertentes que se apegaram em disciplinas fora da área da Educação Física. A crítica a este fato foi de que, na verdade, estas disciplinas – como a História ou a Sociologia – eram então aplicadas em órbitas ou diretamente na Educação Física, com prioridade por vezes exagerada a questões essencialmente políticas, que serviriam apenas para corroborar idéias. Autores como Gaya (1994a e 1994b) tentam demonstrar e exemplificar tal procedimento.

Aparentemente, a fragmentação das ciências do esporte (leia-se também Educação Física) em duas áreas de concentração, biomédica e cultural, não afetou o largo

³ O CBCE, criado em 1978, historicamente constituiu-se, na sua criação, em um “braço” do American College of Sports Medicine, e tinha um nome em inglês (Brazilian College of Sciences Sports), com tradução para o português.

⁴ Daólio (1997a e 1997b), por exemplo, nos diz que essa eleição foi um retrato do confronto entre grupos polarizadores do debate acadêmico, colorido com nuances políticos próprios da época, causando um certo atraso em relação a tal debate. Para ele, o termo biológico e o termo cultural, rotulavam pessoas e idéias, como reacionárias ou progressistas. Matsudo, em entrevista a Daólio, lamenta que o CBCE tenha sido tomado pelo que chamou de grupo marxista.

⁵ A própria RBCE, em 1988, faz uma autocrítica a respeito das pesquisas nela publicadas, pois, como aponta o editorial, “A História da RBCE, até então marcada pela estreita visão de ciência, visão essa que privilegia o lado biológico do homem (...) colocando em destaque o rigor, a neutralidade e o poder da concepção positiva de ciência, não possibilitou até este momento que outros níveis de abordagem fossem publicados.” (s/d)

desenvolvimento em ambas as vertentes. O conjunto da área, no entanto, saiu enfraquecido pela fragmentação do conhecimento, que deveria, em tese, estar atrelado. Tal perspectiva ratifica uma dicotomização histórica entre o biológico e o cultural, favorecendo por outro lado uma certa ampliação no mercado, e criando dificuldades para elaboradores de propostas curriculares. Por outro lado, à profissão regulamentada e conseqüente demarcação do mercado impõe parâmetros desta pretensa demarcação, obrigando outros campos de atuação a se pronunciarem pelo seu espaço, e restringindo contraditoriamente o campo dos profissionais de Educação Física. Podemos exemplificar isto com o processo que tramita na justiça entre o Conselho Federal de Educação Física e os trabalhadores da Dança e da Capoeira.

Essas e outras questões são passíveis de discussão pelos intelectuais do CBCE, como Castellani Filho (1998), ex-presidente do CBCE, que se pronunciou em relação à regulamentação da EF. Já Bracht (1995), também ex-presidente do CBCE em publicação, tentou imprimir uma discussão preliminar sobre a legitimidade das Ciências do Esporte, situando-a frente uma crise da razão científica e a interdisciplinaridade. De outra forma, Santin (1995), nesta mesma publicação afirma, sobre a mesma questão da legitimidade, que não há nenhuma ciência do esporte.

Diante de tais fatos acima retratados, evidencia-se a necessidade da investigação de problemas centrais da EF, como a questão dos órgãos representativos da Educação Física e os intelectuais orgânicos inseridos em seu contexto, manifestada através de concepções relativas à área.

O crescimento do CBCE, tendo em vista apoio dos órgãos de fomento governamentais, como: Editoras de livros; congressos importantes para a área, uma revista, a RBCE⁶, milhares de associados pelo Brasil, incluindo pesquisadores, profissionais e estudantes com inserções na política e no Movimento Estudantil, podem (dependendo de sua prática) nos fazer considerá-lo, como já se ouviu em outras ocasiões, um coletivo orgânico gramsciano na Educação Física.

Cabe considerar, entretanto, a compreensão que baseia a contribuição dos intelectuais orgânicos na dinâmica do conhecimento na área da EF porque, embora possuindo características peculiares, ela não é dissociada dos problemas e contradições inerentes à sociedade em geral. Com isto, os intelectuais orgânicos produzem conhecimento, como em qualquer âmbito científico. É pressuposto, no entanto, que a investigação de seus discursos, demonstre que tal conhecimento seja subordinado à realidade dos fatos sem perder de vista a ideologia.

As respostas a essas questões poderão demonstrar como o CBCE enquanto órgão representativo tem influenciado nos rumos da Educação Física brasileira. As características da interface Academia-CBCE-Sociedade acima descritas, apontaram para uma discussão do campo e do uso de representações desse campo para manifestações de cunho social, o que pode demonstrar posicionamentos assumidos, com conseqüentes desdobramentos.

O aprofundamento deste estudo pode indicar que a significação social é condição *sine qua non* do fazer-científico referente à EF. Por isso, é importante a postura da *intelligenstia* frente aos objetivos de sua área e o que irão fazer dela.

⁶ A RBCE é considerada uma revista importante em vários níveis da Educação Física. Estudantes e profissionais legitimam-na deste modo. Lovisolo (1997), em artigo que analisa a qualidade das publicações na Educação Física/Ciências do Esporte, classifica a RBCE, entre outras, como revistas ônibus. Elas carregam artigos com diferentes óticas disciplinares citando, por exemplo, a Filosofia e a Biomecânica; a Fisiologia e a Psicologia. Para o autor, deste modo torna-se difícil hierarquizar as revistas, devido à hierarquização das abordagens dos artigos por quem os lê.

A partir do entendimento, portanto, de que o CBCE pode ser ou tornar-se um coletivo orgânico⁷ surgem diferentes questionamentos. Afinal, como está o processo de construção do CBCE enquanto órgão representativo da Educação Física? Qual a orientação do CBCE para a sociedade e para a EF? Como lideranças da área acadêmica consideram o CBCE enquanto órgão representativo da área? Preliminarmente, apontamos que atualmente o CBCE tem, a partir de suas diferentes Direções, se colocado mais como um órgão acadêmico-científico da área em detrimento de suas inserções político-populares de forma engajada. Destacamos nesse quadro o distanciamento da orientação do CBCE e dos seus dirigentes do que Gramsci chamou de Filosofia da *Práxis*, e a necessidade de pressão das suas bases para reaproximação com tal Filosofia da *Práxis*⁸, e, além disso, como consequência, vê-la aplicada na compreensão das questões intrínsecas e extrínsecas à EF.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Cláudio Gil Soares de. *Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte: Um comentário sobre suas Etapas Iniciais*. In: Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Ijuí: SEDIGRAF, p. 50-53, 1998.
- BRACHT, Valter. As Ciências do Esporte no Brasil: Uma avaliação crítica. In: NETO, Amarílio et alli. *As Ciências do Esporte no Brasil*. Campinas: Autores Associados, p. 29-49, 1995.
- _____. *Um pouco de História para fazer História: 20 anos de CBCE*. In: Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Ijuí: SEDIGRAF, p. 12-18, 1998.
- CASTELLANI FILHO, Lino. *Política Educacional e Educação Física*. Campinas: Autores Associados, 1998.
- DAÓLIO, Jocimar. *Educação Física Brasileira: Autores e atores na década de 80*. – Tese de Doutorado -. Campinas: UNICAMP, 1997a.
- _____. In: Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Ijuí: SEDIGRAF, vol. 18, n. 3, p. 182-191, 1997b.
- GAYA, Adroaldo César Araújo. *As Ciências do Desporto nos Países de Língua Portuguesa: uma abordagem epistemológica*. Porto: Gráficos Reunidos, 1994a.
- _____. *Mas, Afinal, o que é Educação Física?*. In: Revista Movimento. Porto Alegre: UFRGS, Ano I, n. 1, p. 29-34, 1994b.
- GIROUX, Henry. *Escola Crítica e Política Cultural*. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1992.
- GOLDMANN, Lucien. *Ciências Humanas e Filosofia*. São Paulo: DIFEL, 1980.
- GRAMSCI, Antônio. *Cadernos do Cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, vol. 1.
- _____. *Cadernos do Cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, vol. 2.
- _____. *Cadernos do Cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, vol. 3.
- _____. *Cadernos do Cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, vol. 4.

⁷ O Coletivo orgânico por excelência é o Partido político, mas manifestações de grupos sociais como às de uma área de conhecimento e os trabalhadores que orbitam em torno dela é uma manifestação importante que reforça a idéia de um Coletivo.

⁸ Gramsci chamava a concepção e formulação teórica de Marx de Filosofia da *Práxis*.

- LOVISOLO, Hugo Rodolfo. *Ponto de Vista: Sobre a qualidade das publicações – questões e sugestões*. In: Revista Movimento. Porto Alegre: ESEF/UFRGS, ano IV, n. 7, p. 03-08, 1997/2.
- LOWY, Michael. *As Aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchausen: Marxismo e Positivismo na Sociologia do Conhecimento*. São Paulo: Cortez, 1998.
- MALINA, André. *Um Olhar sobre os Intelectuais da Educação Física a partir do Debate Epistemológico na Revista Movimento – Dissertação de Mestrado -*. Rio de Janeiro: Gama Filho, 2001.
- MANNHEIM, Karl. Sociologia da Cultura. In: FORACCHI, Marialice Mencarini (Org.). *Karl Mannheim: Sociologia - Coleção Grandes Cientistas Sociais - vol. 25*, p. 101-106. São Paulo: Ática, 1982.
- 29- _____. *Ideologia e Utopia*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- MAXIMO, Antonio Carlos. *Os Intelectuais e a Educação das Massas*. Campinas: Autores Associados, 2000.
- PAIVA, Fernanda. *Ciência e Poder Simbólico no CBCE*. Vitória: UFES, 1994.
- PORTELLI, Hugues. *Gramsci e o Bloco Histórico*. São Paulo: Paz e Terra, 1990.
- Revista Brasileira de Ciências dos Esportes. *Editorial*. São Paulo: Brasiliana, maio de 1988, vol. 9, n. 3, s/p.
- SANTIN, Silvino. A Ética e as Ciências do Esporte: Uma consciência filosófica da questão. In: NETO, Amarílio *et alli*. *As Ciências do Esporte no Brasil*. Campinas: Autores Associados, p. 07-28, 1995.
- SASSOON, Anne Showstack. Hegemonia (verbete). In: BOTTOMORE, Tom *et alli*. *Dicionário do Pensamento Marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- SILVA, Rossana Valéria de Souza. *As Ciências do Esporte no Brasil nos Últimos Vinte Anos: Contribuição da pós-graduação estrito senso*. In: Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Florianópolis: NEPEF/UFSC, p. 54-64, 1998.
- TANI, Go. *20 Anos de Ciências do Esporte: Um transatlântico sem rumo*. In: Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Ijuí: SEDIGRAF, p. 19-31, 1998.

Endereço: Avenida Sernambetiba, 6600/804 Barra da Tijuca, Rio de Janeiro-RJ

andremalina@yahoo.com.br

vitormarinho@uol.com.br

angelaestagio@yahoo.com.br